

Marcas & Negócios

GRUPO SÓ REPAROS

Um legado de confiança

Há mais de três décadas, um pequeno negócio voltado para ajudar moradores a resolver reparos domésticos começava a dar seus primeiros passos em Brasília. O que nasceu de forma simples, impulsionado pelo sonho de dois empreendedores, transformou-se ao longo dos anos em uma referência no setor. Hoje, a Só Reparos conta com três unidades e 326 colaboradores diretos, firme no propósito de se consolidar como a melhor loja de materiais de construção e acabamentos da região.

“A ideia surgiu da vontade de empreender, mas também de uma visão de futuro. Brasília ainda era uma cidade muito jovem, com cerca de 30 anos, e havia uma percepção clara de que o varejo de materiais de construção e acabamentos seria um setor promissor, acompanhando o crescimento da cidade e das necessidades da população”, destaca Alexandre Soares, diretor-executivo do Grupo Só Reparos.

Ele relembra que, em 1990, a marca surgiu com o intuito de atender o mercado local da Asa Norte, unindo a bagagem e a experiência de um atendimento mais próximo, confiável e humano dos sócios-fundadores, Francisco Hubner Mendes Carneiro e Miguel Soares Neto. O espírito dos sócios se mantém pulsante, onde a marca brasileira preza não apenas o serviço prestado, mas o relacionamento e a confiança com os clientes.

“Acreditamos que vender material de construção e acabamentos é, na prática, ajudar pessoas a realizar sonhos, reformar espaços, construir histórias e resolver problemas com agilidade e responsabilidade”, diz Alexandre.

Três perguntas para Alexandre Soares, diretor executivo do Grupo Só Reparos



Qual legado a Só Reparos quer deixar?

A Só Reparos quer deixar um legado de confiança, serviço bem prestado e construção de relações duradouras. Queremos ser lembrados como uma empresa que cresceu sem abrir mão de valores, que tratou pessoas com respeito, que profissionalizou sua gestão e que ajudou a elevar o nível de gestão e profissionalismo do setor em Brasília. Também queremos deixar nossa marca na construção de lares, negócios e organizações da cidade e das regiões ao redor, participando ativamente de mais da metade da história de Brasília com presença concreta no desenvolvimento local.

Como a Só Reparos enxerga o segmento de materiais de construção atualmente?

O segmento continua relevante e cheio de oportunidades, mas atravessou anos desafiadores no pós-pandemia, especialmente no Distrito Federal. Desde 2023, muitas empresas do setor vêm convivendo com resultados mais pressionados, o que exige mais eficiência, inteligência comercial e diferenciação real. Para 2026, nossa visão é mais positiva. O mercado dá sinais de melhora, ainda que de forma seletiva. E, no nosso caso, os movimentos de inovação ajudaram o

grupo a sentir menos essa pressão. Em um primeiro momento, tivemos o impulso do e-commerce com atuação nacional. Em um segundo, a abertura das lojas-conceito permitiu acessar novos mercados e novas frentes de crescimento. Ou seja, não foi um período simples, mas foi justamente nesse cenário que a capacidade de adaptação fez diferença.

Por que o lema da empresa é encantar o cliente? Como esse encantamento é feito na prática?

Porque acreditamos que atender bem não é suficiente. O cliente precisa se sentir compreendido, respeitado e seguro ao longo da jornada. Encantar o cliente, para nós, é criar uma experiência memorável. Isso acontece com escuta ativa, atendimento humano, atenção aos detalhes, agilidade para solucionar problemas, cuidado no pós-venda e genuína vontade de ajudar. Nos últimos anos, esse olhar foi reforçado por aprendizados muito alinhados à filosofia de que serviço não deve apenas satisfazer, mas gerar conexão, confiança e lembrança positiva. Em outras palavras, encantar é transformar uma compra em uma relação de longo prazo. Esse princípio está no centro do nosso propósito.

Por essa razão, a marca combina atendimento humano, curadoria de produtos e atenção verdadeira aos detalhes. “Esse jeito de atuar está ligado à nossa essência de acessibilidade, escuta ativa, solução e cuidado com o todo”, complementa.

No mês de março, a empresa celebra 36 anos de atuação no mercado. Para o diretor, o sucesso dessa trajetória se deve a uma combinação de capacidade de adaptação, foco no cliente, cultura forte, olhar atento para inovação e

trabalho sério ao longo de muitos anos. Além disso, há o compromisso consistente com a capacitação de parceiros, muitas vezes, em conjunto com os fornecedores.

“A empresa soube evoluir sem perder sua essência. Continuamos acreditando em atendimento humano, em relacionamento de longo prazo e em fazer bem-feito. Isso gera confiança, e confiança, no varejo, é um ativo valioso. Nossos valores também sustentam essa trajetória, com ênfase em crescimento, comunicação honesta,

espírito de família, melhoria constante e busca por evolução contínua”, ressalta.

O executivo recorda que os primeiros anos foram marcados por desafios, especialmente no que diz respeito à consolidação da marca e à necessidade da atuação dos sócios em todas as frentes, visto que a empresa era pequena. “Era preciso receber mercadoria, armazenar, expor, vender, entregar e ainda cuidar da gestão financeira e administrativa ao mesmo tempo. Tudo isso em um contexto

econômico muito instável, de inflação alta e muitas incertezas, logo após o período do confisco do governo Collor”, explica.

Novidades

Em 2026, a marca pretende concentrar seus investimentos na expansão do e-commerce, na ampliação das unidades-conceito e no fortalecimento da presença no Distrito Federal junto a clientes e parceiros. Entre as novidades, está a criação da Liven Forma, braço

educacional do grupo voltado à profissionalização em gestão de escritórios de arquitetura, design e profissionais do setor.

“A ideia é que essa iniciativa funcione como uma extensão prática da formação desses profissionais, oferecendo suporte, desenvolvimento e conteúdo aplicado ao mercado. Esse movimento reforça a transição da Só Reparos para dentro de um ecossistema maior, o Grupo SR, em que diferentes negócios se fortalecem mutuamente”, aponta.

MEMÓRIA / Moradoras que chegaram à capital federal entre 1959 e 1969 se reúnem no Lago Sul para celebrar o Dia Internacional da Mulher. Elas compartilharam histórias de Brasília e fortaleceram a amizade

Encontro de mulheres pioneiras

» VITÓRIA TORRES

Ainda em clima de comemoração pelo Dia Internacional da Mulher, o Grupo de Pioneiras Candangas realizou o primeiro encontro de 2026. A reunião aconteceu na Casa de Biscoitos Mineiros, no Lago Sul, e reuniu mulheres que chegaram a Brasília entre 1959 e 1969, período de construção e consolidação da capital. Em um encontro descontraído, 12 participantes compartilharam lembranças, histórias e experiências vividas durante os primeiros anos da cidade, enquanto tomavam café e relembravam uma época considerada única. Com registros físicos e nos celulares, memórias foram resgatadas.

Criado há três anos, o grupo mantém encontros trimestrais com o objetivo de preservar memórias e fortalecer os laços entre mulheres que fizeram parte da história. Segundo a líder do grupo, Elizabet Campos, as reuniões são um momento especial de troca e de valorização das vivências dessas pioneiras.

“Ao todo, somos 30 pioneiras. Nos encontros, contamos fatos marcantes desde a chegada em Brasília. Falamos das dificuldades, dos sabores e das surpresas que tivemos ao chegar aqui. Compartilhamos alegrias, tristezas e rimos muito das nossas histórias”, afirma.

Ela destaca, ainda, o compromisso do grupo com a cidade. “Temos um propósito que é lutar pela preservação da qualidade de vida da capital que vimos nascer. Nos



Elizabet Campos lidera a turma e mostra Correio com sua história

orgulhamos de termos participado da construção de Brasília. A efervescência daquele tempo imprimiu em meu espírito um profundo amor por Brasília, respeito ao trabalho dos candangos e às amizades que perduram até hoje como elo da construção da minha história de vida”, completa.

Entre as participantes estava a fazendeira Maria Helena Gomide, 80 anos, moradora da Asa Sul e primeira-dama do último prefeito do Distrito Federal, Wadjo da Costa Gômide. Durante o encontro, ela mostrou fotos de uma ocasião especial em que o casal recebeu, em Brasília, a rainha da Inglaterra, Elizabeth II e o príncipe Philip.

“Ela era linda e super simpáti-

Fotos: Bruna Gaston CB/DA Press



Grupo de Pioneiras Candangas tem o propósito de lutar pela preservação da qualidade de vida da capital que viram nascer

COM APOIO:



ca. Achei ela um encanto. Nós os levamos para conhecerem a Torre de TV. Oscar Niemeyer mostrou o projeto da cidade para eles e acharam tudo maravilhoso”, recorda.

Segundo Maria Helena, o encontro rendeu até uma curiosa tro-

ca de presentes. “Nessa ocasião, ela nos deu um casal de cisnes. Em retribuição, nós, o Distrito Federal, demos um casal de onças, a pedido deles”, conta.

Sobre as reuniões do grupo, ela destaca a importância de manter o contato com antigas amigas. “Muitas eu convivi anos atrás. Passamos muito tempo juntas. Isso é muito importante. A gente relembra os tempos idos e vividos. Eu vim para cá quando Brasília tinha seis anos. Sempre gostei de Brasília. Quando viajo, fico doída para voltar.”

A artista plástica e gastrônoma Cláudia Jucá, 58, considerada a “caçula” do grupo, nasceu em Brasília quando a cidade ainda era marcada pela poeira e pela terra verme-

lha. Filha de um homem que veio trabalhar como garçom para o ex-presidente Juscelino Kubitschek, ela diz se sentir parte das histórias contadas pelas pioneiras. No encontro, exibiu fotos de seu pai, Jorge, com imenso orgulho.

“Me consideram pioneira porque eu nasci em Brasília. Sou da gema. E elas me abraçaram, porque todas as histórias delas, tudo que elas contam, eu me sinto incluída em cada história”, relata. “Mesmo sendo criança, eu me lembro de vários fatos que aconteceram em Brasília. Me sinto super feliz e privilegiada por fazer parte desse grupo. O mais incrível é que as histórias nunca se repetem”.

Autora do livro *Mulheres Pionei-*

ras de Brasília, Elvira Barney, 87, conta que a chegada ao grupo foi marcada por uma recepção especial. “No meu primeiro encontro, fui homenageada por elas, lá no Museu Vivo da Memória Candanga. Foi muito bom. Eu levei os livros para sortear, e elas adoraram. Acho importante nos encontrarmos para socializar”.

Para a fazendeira Maria José Rodrigues, 84, os encontros são também uma oportunidade de reencontrar antigas amigas e lembrar momentos importantes da vida. “Eu gosto muito desses encontros. Conversamos sobre tudo. Várias são amigas”, afirma. Durante a reunião, ela também mostrou fotografias de quando se formou em jornalismo, em 1961.